



MEMÓRIAS DISCENTES SOB A LUPA DO LETRAMENTO RACIAL: TRAJETÓRIAS E REFLEXÕES PARA UMA CONSCIÊNCIA ANTIRRACISTA

Amanda Jardim¹, Wadson Corrêa², Jaqueline Silva³, Daysiane Cruz⁴

¹*Orientadora de Iniciação Científica pelo Centro Universitário UniÚnica EAD – Ipatinga/MG; Mestra e doutoranda em Antropologia pela UFMG, Belo Horizonte (MG), Brasil (jardim.am@gmail.com)*

²*Graduando em Educação Especial pelo Centro Universitário UniÚnica EAD – Ipatinga/MG, Itabirito (MG), Brasil*

³*Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário UniÚnica EAD – Ipatinga/MG, Ipatinga (MG), Brasil*

⁴*Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário UniÚnica EAD – Ipatinga/MG, Marabá (PA), Brasil*

Resumo: Este projeto de iniciação científica analisou práticas de letramento racial por meio das memórias de discentes-educadores. Utilizando uma abordagem qualitativa e autobiográfica, articulou referenciais como Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Saidiya Hartman e Frantz Fanon para analisar narrativas produzidas em encontros síncronos. Os resultados revelaram a atuação de microagressões cotidianas, a interseccionalidade do racismo e o potencial da "escrevivência" como ferramenta de ressignificação. Conclui-se que o projeto se constituiu como um refúgio formativo, instrumentalizando os participantes para identificar e combater o racismo e demonstrando a eficácia de metodologias que unem teoria decolonial e prática narrativa para a construção de uma consciência antirracista.

Palavras-chave: Letramento racial; escrevivência; fabulação crítica; trajetória discente; memória.



INTRODUÇÃO

O Projeto de Iniciação Científica “Memórias discentes sob a lupa do letramento racial: trajetórias e reflexões para uma consciência antirracista”, orientado pela Profa. Ma. Amanda Jardim e desenvolvido no Centro Universitário UniÚnica EAD (Ipatinga/MG), discutiu práticas pedagógicas de letramento racial a partir da análise crítica de memórias e trajetórias de discentes. Objetivou-se instrumentalizar os participantes para identificar e refletir sobre situações de racismo em seus contextos educacionais, familiares e profissionais, contribuindo para a construção de uma consciência antirracista. Por meio de encontros síncronos e produção escrita (auto)biográfica, foram coletadas narrativas que, analisadas à luz de referenciais teóricos, subsidiaram a elaboração de um texto em coautoria sobre estratégias de superação do racismo estrutural.

Do ponto de vista teórico, o projeto se alicerçou no conceito de letramento racial enquanto ferramenta de desnaturalização crítica das estruturas racistas. Para isso, dialogou fundamentalmente com autoras e autores que fornecem as lentes analíticas para decifrar a experiência negra. Conceição Evaristo, com sua noção de "escrevivência", oferece o método de escrever a partir das vivências da comunidade, transformando a memória em instrumento de análise e resistência. Lélia Gonzalez, ao cunhar o "pretuguês", evidencia a força de uma perspectiva epistemológica negra na reinterpretação da realidade. Saidiya Hartman, com a "fabulação crítica", fornece a chave para escavar as histórias silenciadas pelos arquivos, enquanto Frantz Fanon, com sua análise sobre a "desalienação do negro", fundamenta a urgência psíquica e social de superar a internalização da opressão. São esses referenciais que permitiram operacionalizar o letramento racial não como um conjunto de informações, mas como uma prática de reinterpretação do mundo.

Entende-se como práticas pedagógicas de letramento racial aquelas que recuperam e problematizam as mais variadas formas de racismo (estrutural, institucional, recreativo) que ainda vigoram nas práticas docentes e de outros educadores como cuidadores, comunicadores da mídia em geral, figuras sacerdotais de prestígio religioso, influenciadores digitais, etc. O intuito desse Projeto de Iniciação Científica foi discutir acerca dessas práticas de forma crítica, instrumentalizando os



discentes para que possam refletir e dissertar sobre seus contextos de atuação pretéritos ou atuais, recuperando e registrando memórias acerca de como seus fazeres e de outrem estiveram perpetrados pelo racismo. Assim sendo, tivemos como horizonte apontar possibilidades e caminhos metodológicos que contribuíssem para a não perpetuação do racismo na sociedade atual e a construção de uma consciência antirracista.

A justificativa de realização do Projeto se dá na constatação de que o racismo persiste na sociedade brasileira, manifestando nas dimensões estrutural, institucional e interpessoal, o que indica a necessidade de realização de iniciativas que desconstruam estereótipos, preconceitos, exotismos acerca da pessoa racializada. O letramento racial apresenta-se como uma ferramenta excepcional na condução da conscientização do que são práticas racistas e como devemos aboli-las, obedecendo ao que está disposto pela legislação (diretrizes da Lei 10.639/03), além de promover práticas antirracistas que sensibilizem o *alter ego* a preconizar pela equidade e reparação histórica. Dentre as impressões compartilhadas e discutidas nos encontros síncronos realizados na Plataforma *Google Meet*, nos deparamos com relatos que sobressaltavam as microagressões cotidianas sofridas pelos próprios participantes do projeto, assim como de alunos desses participantes, o que os fizeram repensar e desnaturalizar práticas racistas naturalizadas e arraigadas nas práticas docentes.

A proposta dialogou com a urgência de formar educadores críticos, capazes de intervir em realidades marcadas pela desigualdade racial — seja na escola, na mídia, nos espaços religiosos ou nas redes digitais. Ao articular teoria (referenciais como Conceição Evaristo, Saidyia Hartman, Lélia Gonzalez e Frantz Fanon) e prática (narrativas autobiográficas), o projeto não apenas cumpre uma função acadêmica, mas também social, ao fomentar a descolonização de saberes e a construção de alternativas pedagógicas antirracistas.

MATERIAL E MÉTODOS

Este projeto adotou uma abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa-ação participativa e no método (auto)biográfico, para investigar as manifestações do racismo nas trajetórias dos discentes. A opção por essa abordagem justifica-se por



seu potencial em transformar a experiência vivida em objeto de análise crítica, alinhando-se aos objetivos de letramento racial e conscientização antirracista.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo de um semestre letivo com um grupo de discentes do Centro Universitário UniÚnica, composto por três educandos que se autodeclaram negros (duas mulheres e um homem). O projeto foi realizado em ambiente virtual, utilizando a Plataforma Google Meet para os encontros síncronos. A coleta de dados e a intervenção pedagógica foram estruturadas em três etapas interligadas:

Etapa 1) Letramento Teórico-Conceitual: Foram realizados encontros síncronos quinzenais, nos quais foi apresentado e debatido um referencial teórico-literário fundamental para os estudos raciais. Conceitos chave como “escrivência” (EVARISTO, 2016; 2017), que articula a escrita e a história de vida como ferramenta de resistência; “fabulação crítica” (HARTMAN, 2023), enquanto método para narrar o que a história oficial silencia; “pretuguês” (GONZALEZ, 1984), como lugar de fala e interpretação do mundo a partir de uma cosmovisão negra; e “desalienação do negro” (FANON, 2008), como processo de libertação psíquica do jugo colonial, foram sistematicamente trabalhados. O objetivo era fornecer um repertório analítico para a leitura e ressignificação das próprias memórias.

Etapa 2) Produção de Narrativas (Auto)Biográficas: Instrumentalizados pelos referenciais teóricos, os participantes engajaram-se na produção escrita de memórias dissertativas. Foram orientados a identificar e analisar episódios de racismo em suas trajetórias educacionais, familiares e profissionais, utilizando os conceitos estudados como lentes de análise. Para garantir o anonimato e o cuidado ético, as narrativas foram compartilhadas no grupo com a identidade dos autores preservada, criando um ambiente seguro para a exposição de vivências potencialmente dolorosas.

Etapa 3) Análise e Síntese Coletiva: As narrativas produzidas constituíram o *corpus* de análise principal. A partir delas, iniciou-se a construção colaborativa de um artigo em coautoria. Nesta etapa, as experiências individuais foram reconfiguradas como objeto de estudo, analisadas à luz dos referenciais teóricos comuns, e



sintetizadas para discutir estratégias de superação do racismo estrutural identificadas nas próprias práticas dos participantes.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, baseada na análise de conteúdo temática. As narrativas foram examinadas para identificar padrões, pontos de convergência e divergência nas experiências de racismo, com especial atenção às interseccionalidades de gênero. O processo foi dialógico, envolvendo a discussão coletiva dos dados nos encontros, onde as memórias individuais eram cotejadas com a teoria, permitindo a construção de um entendimento grupal sobre os mecanismos do racismo e as possibilidades de ação antirracista. A partir do material produzido iremos construir um artigo em coautoria a ser publicado em uma revista acadêmica em que suas experiências serão reconfiguradas como objeto de estudo e deverão ser analisadas à luz dos referenciais supracitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas (auto)biográficas produzidas no projeto permitiu identificar padrões e singularidades na operação do racismo, revelando a profunda interligação entre as dimensões estruturais, institucionais e subjetivas da discriminação racial. A criação de um espaço de confiança e acolhimento foi, em si mesma, um resultado fundamental, pois viabilizou o emergir de memórias muitas vezes soterradas pelo hábito do silenciamento.

Um ponto de convergência marcante apresentado nas trajetórias foi a recorrência de microagressões racistas no ambiente escolar, familiar e/ou profissional, atuando como uma "pedagogia do silêncio" que "ensina" à pessoa negra o seu lugar de inferioridade. Relatos de piadas sobre cabelo, dúvida sobre sua capacidade intelectual e a constante associação de sua imagem a estereótipos criminais foram frequentes. A análise à luz de Fanon (2008) permitiu compreender essas agressões não como incidentes isolados, mas como instrumentos de uma "epidermização da inferioridade", que inscreve o racismo na experiência corporal e psíquica. A discussão coletiva possibilitou a desnaturalização dessas vivências. O que antes era vivido como um mal-estar difuso ou uma "brincadeira de mau gosto" foi reconfigurado, através dos



conceitos estudados, como uma manifestação do racismo estrutural que, pela sua banalidade, se torna perversamente eficaz.

As narrativas evidenciaram, com clareza, a centralidade da interseccionalidade. As memórias das duas participantes mulheres negras destacaram como o racismo se entrelaça com o sexismo, criando experiências únicas de opressão. Relatos de hiperssexualização na adolescência e da expectativa de subserviência em espaços profissionais ilustraram a dupla violência a que estão submetidas. Este eixo encontrou eco potente em Gonzalez (1984), fornecendo uma lente para nomear a experiência de estar num lugar de dupla marginalidade. A discussão revelou que, enquanto o participante homem negro narrou enfrentamentos mais diretos e públicos, as participantes mulheres descreveram violências mais sutis, porém igualmente destrutivas, ligadas à controle de seus corpos e à desqualificação de suas vozes. Esta divergência nas experiências enriqueceu o entendimento grupal sobre a complexidade do racismo.

O ato de escrever e partilhar as memórias, metodologia inspirada na "escrivivência" de Conceição Evaristo (2016; 2017), mostrou-se um resultado transformador em si mesmo. Ao transpor suas vivências para o texto, os participantes não apenas as documentaram, mas as reelaboraram criticamente. As produções textuais ficcionais, carregadas de poética, ironia e provocação, funcionaram como um mecanismo de agência, subjetivação e denúncia. Elas permitiram, na esteira de Hartman (2023), uma "fabulação crítica" do passado, onde os sujeitos, antes objetos da história racista, tornaram-se autores de suas próprias narrativas de resistência. Este processo demonstrou que o letramento racial, mais do que uma competência cognitiva, é uma prática de libertação narrativa, um passo essencial para "reler" o mundo e a si mesmo.

Os resultados confirmam que o letramento racial, enquanto processo contínuo, é fundamental para a construção de uma consciência antirracista. O projeto serviu como um "refúgio" no sentido hartmaniano: um espaço para escavar o arquivo pessoal da dor e ressignificá-lo coletivamente. No entanto, os relatos também deixaram claro um desafio: a consciência aguçada nem sempre se traduz em sensação de fortalecimento para o enfrentamento constante. A instrumentalização teórica forneceu



as ferramentas para identificar e nomear o racismo, mas a luta contra sua materialidade exige suporte institucional e comunitário contínuo.

Portanto, este projeto vai além de mapear feridas; ele aponta caminhos de cura e ação. A articulação entre a teoria decolonial e a prática autobiográfica revelou-se uma metodologia poderosa para formar educadores que não apenas compreendem o racismo em sua complexidade, mas que estão em processo de se tornarem agentes ativos na sua desconstrução, seja na sala de aula, seja na produção de novos saberes. O artigo em coautoria que está sendo elaborado é a materialização deste ciclo virtuoso: da experiência à teoria, e da teoria de volta à prática, agora informada e transformadora.

CONCLUSÃO

Em síntese, o Projeto de Iniciação Científica “Memórias discentes sob a lupa do letramento racial” cumpriu seu objetivo central de instrumentalizar os participantes para a identificação e reflexão crítica sobre o racismo em suas trajetórias pessoais e profissionais. Ao articular o referencial teórico de autores como Conceição Evaristo, Saidiya Hartman, Lélia Gonzalez e Frantz Fanon com a prática narrativa das (auto)biografias, o projeto demonstrou a potência do letramento racial como ferramenta pedagógica para a desnaturalização de práticas racistas arraigadas.

A criação de um espaço de confiança e acolhimento foi fundamental para que as memórias fossem revisitadas e analisadas, revelando como o racismo e as microagressões se manifestam de forma estrutural e subjetiva. Os resultados evidenciaram que o processo de letramento racial é contínuo e desafiador, mas constitui um primeiro passo indispensável para a construção de uma consciência antirracista e para o desenvolvimento de estratégias de superação, como as ilustradas pelas produções textuais ficcionais dos discentes.

Portanto, o projeto não apenas gerou um acervo de narrativas críticas, mas também se consolidou como um “refúgio” formativo. Ele aponta a urgência e a eficácia de iniciativas que unem teoria e vivência para formar educadores e profissionais capazes de promover a equidade e a reparação histórica, contribuindo decisivamente



para a descolonização dos saberes e para a construção de uma sociedade verdadeiramente antirracista.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Centro Universitário UniÚnica pela viabilização do Projeto de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 6. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA, 2008.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.